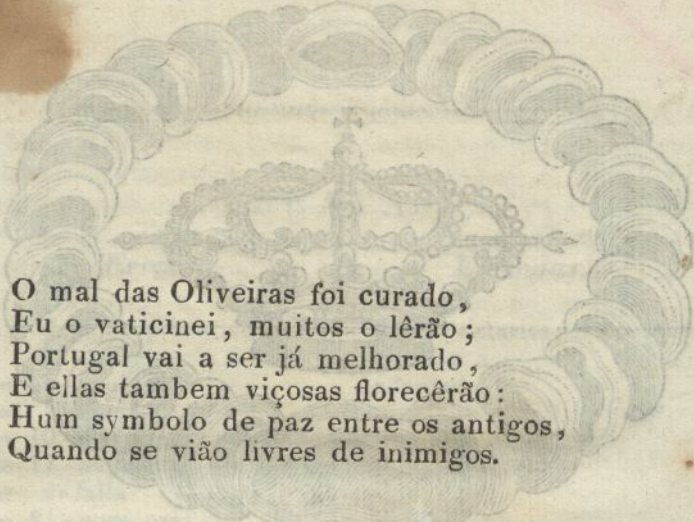
A C'roa por Affonso merecida,
Fructo da Milagrosa resistencia,
Para Memoria, e Paz dos Portuguezes,
De Miguel a confia a Providencia.

NA ACCLAMAÇÃO

DO MAGNANIMO, E AUGUSTISSIMO SENHOR

DOM MIGUEL I.

REI DE PORTUGAL.

D. E C.

JOSE' DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. 1828.
Com Licença.

O mal das Oliveiras foi curado,
Eu o vaticinei, muitos o lêrão;
Portugal vai a ser já melhorado,
E ellas tambem viçosas florecêrão:
Hum symbolo de paz entre os antigos,
Quando se vião livres de inimigos.

Este pensamento das Oliveiras vem, como Vaticinio, na primeira Parte da Murmuração no Passeio Publico, do mesmo Auctor.

INCLITO, E SOBERANO SENHOR.

SE o incomprehensivel Omnipotente permittio, por meio de Successos tão extraordinarios, que Vossa Magestade subisse ao Throno Luso, benigno rasgo da Providencia para felicidade deste attenuado Povo, devemos crer com viva fé pelos muitos prodigios, que em nosso favor temos visto, que hum Deos, a quem confeçamos, e adoramos, que não teve principio, nem ha de ter fim, se digna sempre de dar a quanto principia hum fim glorioso.

A incomparavel, e alta Dignidade de Monarcha acompanhada dos maiores, e justos respeitos exige mostrar a hum tempo o desempenho da Justiça no sublime grão de Rei, e hum benefico Amor no respeitavel lugar de Pai: estas virtuosas qualidades já em Vossa Magestade se admirão, e todos confião de Vossa Magestade que ha de vencer tantos, e tão fortes obstaculos, que se accumulão no Governo de huma Nação.

Nós vemos quanto he difficil conservar os Povos em obediencia ás Leis, conciliar genios, unir opiniões, resistir a inimigos, conhecer os dissimulados, dispersar os aduladores, humilhar os soberbos, ter cautela com os poderosos, acolhendo os humildes, castigando os culpados, e defendendo os innocentes; eis o grande pezo desta balança, mas que o seu Fiel, pela alta Sabedoria, e Moderação de Vossa Magestade, ha de ser conservado sempre em regular equilibrio.

He sentença de S. Nilo ser mais facil sujeitar brutos, que sujeitar homens; porque os appetites, as paixões, e os interesses lhes suggerem aversão a tudo que os quer desviar dos seus errados designios; havendo genios de tão atraiçoada qualidade, que

até fazem, por ingratos, todo o esforço para dilacerarem aquella generosa Mão, que os encheo de beneficios: destas infames recompensas já Vossa Magestade tem encontrado infelizmente em monstros de ingratidão.

O Senhor Deos dos Exercitos, que he justo em tudo quanto permitte, e que acaba em bem quanto principia, ha de com seus auxilios seguir, valer, e defender a Vossa Magestade das perversas condições de certos homens hoje apontados por toda esta Nação civil, grata, e obediente, que tanto respeito, e amor consagra a Vossa Magestade, que os seus bens, e as proprias vidas não duvída sacrificar sempre em defeza de Vossa Magestade.

He digno de notar-se que hum Dom Affonso I. fizesse as primeiras Leis para este Reino se governar, e que o Ceo destinasse tambem hum memoravel Dom Miguel I. para as sustentar, e pôr em vigor! Sim, Amavel Soberano, em todos os passos da preciosa Vida de Vossa Magestade se manifesta huma Protecção Divina; no triste Desterro, no trabalhoso, mas applaudido Regresso, na modesta Regencia, e hoje na Magestosa Acclamação.

A Indole Moral, e Christã de Vossa Magestade, e as fervorosas Preces, que o Povo Portuguez dirige ao Eterno, são incentivos para a fortuna de Vossa Magestade, e para nossa fortuna. Estas verdades só não satisfazem a minha Musa; ella quer tambem ter parte nesta geral alegria, e por isso dedica o Vossa Magestade humildemente as seguintes Sextinas, desejando que mereção, por sinceras, a Real Approvação.

Com o maior respeito

Beija a Benigna Mão de Vossa Real Magestade

José Daniel Rodrigues da Costa.

NA FELIZ ACCLAMAÇÃO

DO INVICTO SENHOR

DOM MIGUEL PRIMEIRO,

REI, E GLORIA DE PORTUGAL

SEXTINAS.

SEM que eu investigar pertenda ousado
Ennoveladas nuvens do futuro,
O tempo vejo ser aproximado
De Portugal obter quanto lhe auguro;
Pois dicta-me a razão, pelo que vejo,
Que os Ceos nos cumprem o geral desejo.

Se na Urna fatal do immenso Fado
Estava escripto pela Mão do Eterno
O Nome de Miguel, Principe amado,
Para tomar as redeas do Governo;
O Luso Povo, que tal Bem alcança,
De dar ao Ceo Louvores não descança.

Infames, e crueis calumniadores,
Vêde o Heroe, que denegrir ousastes,
Quando com espantosas falsas côres
Ao illudido Pai o retratastes!
Mas não vingou a vil maledicencia,
Que o Ceo defende a candida innocencia.

Se as desgraças, flagellos, e agonias
Tem posto esta Nação paralisada,
Especulando ás avidas Harpias
Os meios de a tornar mais desgraçada,
Hum providente Rei na flor dos annos
Ha de a tempo atalhar futuros damnos.

Permittio Deos que a Casa de Bragança
Suportasse huma, e outra tempestade,
Para os Lusos com firme segurança
Verem no Throno a Vossa Magestade:
Bem mostra Deos aos nossos inimigos
Quão bem reparte os premios, e os castigos.

Não se tema que o tempo eclipsar possa
De Vossos lindos Annos hum só Dia;
Para brilho do Throno, e gloria nossa
O Ceo Vos elegeo, o Ceo Vos guia;
Que os Lusos proteger, e governa-los
He mais governar filhos que vassallos.

Em Vós a C'roa, e Sceptro estão mostrando
Que Haveis fazer justiça, e ter piedade,
Attributos daquelles, que Reinando
Lembrados inda são na nossa idade:
Respeitar ha de sempre o Vosso Nome
O Tempo audaz, que os marmores consome.

He Vossa Magestade o nosso Escudo,
Ouvio Deos nossas preces, commovido
De vêr esta Nação perdida em tudo,
Que os falsos mesmo a Deos a tem perdido:
Quem dissera no tempo da opulencia
Que a havião pôr em misera indigencia!

Nação eclipse de Othomanas Luas,
Que abrio caminho do Oriente aos mares,
Que venceo gentes barbaras, e cruas,
Os Arabes, os Persas, Malabares,
Esta mesma Nação Christã, e rica,
Os bons costumes perde, e pobre fica.

Os Verdugos da triste humanidade,
Que para a Ingleza America voltárão,
Onde homens vís de toda a qualidade
Vivem fartos com quanto nos furtárão;
Ao Throno, e á Patria derão tão máo pago,
Que ainda hoje se sente o grande estrago.

Espiritos inquietos, revoltosos,
Inimigos da paz, homens ferinos,
Que se arriscão a tudo, cavilosos,
Praticando inhumanos desatinos:
Almas sem Lei, de Deos desamparadas,
Que fazem mil familias desgraçadas.

Estas Filosofias de Doutores,
Filhos do Atheismo escandaloso,
São quem os representa sup'riores
Ao Portuguez honrado, e virtuoso:
Isto verdades são, inda que amargas
A's Almas grandes, consciencias largas.

Aquelle, que he vassallo verdadeiro,
Conhece da malicia a astucia, e arte;
Porque pedir a Deos Miguel Primeiro
Não he pedir hum Rei a Buonaparte:
Então manchou-se a Fé, manchou-se o Throno,
Hoje governa o Reino o proprio Dono.

Por esta ordem de cousas Sois directo
Successor deste Reino Lusitano,
Além de Vos pedir o nosso affecto,
Que só a Vós queremos por Sob'rano:
Gema a calumnia, e se esbraveje a inveja,
E a Seita infame submergida seja.

A'quelle, que opprimio no raso Ourique
A soberba de Ismar, e seus sequazes,
Hum eterno louvor se lhe dedique;
Pois que Leis nos deixou tão efficazes,
Que ellas he que Vos fazem ser Herdeiro
Do Throno, em que hoje Sois Miguel Primeiro.

Sim, Augusto Senhor, por Deos foi dado
O Brazão deste Reino, que auxilia;
Elle fará feliz Vosso Reinado,
Os Povos conservando em harmonia:
Vós poreis em vigor com inteireza
As Leis, que á Monarchia dão firmeza.

Vossa Benignidade conhecida,
Que já todos em paz a gozar vamos,
Obriga a que por Vós dêmos a vida,
Pois que o amor de Pai em Vós achâmos:
Amor, que com justiça, e com piedade,
Faz desterrar de nós a ferrea idade.

Inclito Joven, Rei do Luso Povo,
Miguel do Omnipotente abençoado,
Todos Vos louvão, bem como eu Vos louvo,
Na modestia, respeito, acerto, e agrado:
Que as expressões, que vem dos Vossos Labios,
Contentão pobres, e reanimão sabios.

Vós fareis reviver a nossa fama,
Que estava em apathia somnolenta,
Todo o Reino Vos quer, todo Vos chama,
Que até só de Vos vêr tanto se alenta:
Que o Nome de Miguel traz á memoria
Mando, força, poder, imperio, e gloria.

Se o Archanjo ferio o Dragão forte,
Que no Ceo contra Deos foi rebellado;
Nos soberbos da terra o mesmo corte
Por Vós, Grande Miguel, ha de ser dado:
E não he já, Senhor, pouco partido
Ser amado dos bons, dos máos temido.

Tu, que és filha do Ceo, Sancta Verdade,
Bem vês que não me cinjo a aduladores,
Escravos só da propria utilidade,
Que se cobrem com manto de mil côres;
Da minha idade o estado não permitte
Que em ter honras, e cargos premedite.

Vós ides com prudencia o Reino unindo,
Entre as Luzes da Fé, que são eternas,
E as Maçonicas luzes extinguindo,
Que os demonios accendem *nas cavernas*:
Luzes taes, com que mil *Pedreiros* juntos
Até illuminar podem defuntos.

Mas apezar dos impios, dos ingratos,
Que querem inverter Vossos Direitos
Contra o justo pensar de homens sensatos,
Ao qual não querem nunca estar sujeitos,
A Providencia em Vos guardar se emprega,
E quanto Vos pertence Vos entrega.

Hum Throno por Affonso defendido,
Que legitimamente Vos pertence,
Pela serie das Leis, que o tem regido;
Base, que já ninguem destruir vence:
Este o Throno, que os fidos Lusitanos
Desejão que occupeis por longos annos.

O Real Manto, dado á Magestade
Daquelles, de quem Deos Reinos confia,
Porque se lhe respeite a Dignidade,
Os Povos o guarnecem de alegria:
Sustentado por Vós, elle nos marca
Que Deos Vos manda ser nosso Monarcha.

Não foi o Deos da guerra fabuloso,
Em destemido Marte figurado,
Quem a *Insignia* Vos dêo de valoroso,
Com que hum feroz guerreiro adorna o lado,
Que nelle de matar nutre a cobiça,
Em Vós só serve de mostrar Justiça.

Fallo da preciosa digna *Espada*,
Que as Artes de bom gosto fabricárão,
Por Nacionaes Artifices lavrada,
Que de Estrangeiros não necessitárão:
Mil e tantos brilhantes lhe guarnecem
Os Emblemas gentis, que resplendecem.

Foi por Augusto Genio, e delicado
Da Immortal Carlota, nosso Abrigo,
Que o *Symbolo* de Astrea Vos foi dado
Para tornar o Reino ao lustre antigo:
Huma Dadiva tal, de tal valia,
Só de hum Amor de Mãi nascer podia!

De huma Rainha Sabia, sem vaidade,
Concorrendo com passos acertados
Para tudo que he bem da Sociedade,
E serem seus Direitos respeitados;
Arrostando o que a Sorte lhe destina
Com animo, e valor de huma Heroina!

Nos desgostos crueis, em que se via,
Tendo no soffrimento o sacrificio,
De seus Filhos o amor a divertia,
Unico apreciavel beneficio:
Té que pôde alcançar o que esperava
Em Miguel, por quem tanto suspirava!

Temos Monarcha e Pai, que as Leis sustente,
Que o Ceo o preservou nos foi visivel;
Auxilios ha de ter a quanto intente
Daquella Mão, que tudo lhe he possivel;
Porque em Miguel Primeiro veja o Mundo
Que em tudo he Rei dos Lusos sem segundo.

A Eterna Causa, que os Imperios muda,
Que abate huns, quando outros edifica,
He quem contra as ciladas Vos escuda,
Quem prudencia, e valor Vos communica;
Porque se veja em Vós com dignidade
O radiante esplendor da Magestade.

Nos sepulchros se guardão cinzas frias
De Heroes excelsos com duravel nome;
Virtudes praticadas nos seus dias
O voraz Tempo já lhes não consome:
Mudamente ellas dão o bom conselho,
Que Vos pode servir de claro espelho.

Se Roma teve Julio, Marco, e Tito,
Que ficárão no Mundo eternisados,
De quem immensos dons se tem escripto,
Que em quanto Mundo houver serão louvados;
Em Vós, Senhor, que Sois nosso Sob'rano,
Temos tambem hum Tito Lusitano!

Abundancia, Commercio, Paz, Justiça,
Com o favor de Deos vêr poderemos,
Se egoismo, discordia, odios, cobiça
Com Vosso auxilio desterrar obtemos:
Pois que em nós os exemplos são tão vastos,
Que a Hydra da ambição nos poz de rastos.

Todos Vos amão, porque em Vós confião
Que o transtorno do Reino em paz se mude;
Que hão de sanar-se os males, que soffrião;
Que ha de esmagar os vicios a Virtude:
Faz Vosso Nome nossa Fé mais viva,
Nome, que de hum Archanjo se deriva.

Vai dando fim a raça luminosa,
Que anda á Maçoneria sempre atreita,
De ter mando, e dinheiro ambiciosa,
Unica base de maldita Seita:
Que por hum Portuguez degenerado
Ha mil, que tem caracter firme, e honrado.

Longe de nós quem de ambição tão cego,
Quer vêr o Reino todo em anarchia,
Que para o soçobrar em negro pego,
Aos seus iguaes com raiva a morte envia.
Nome não deve ter de Lusitano
Esfaimado Leão de sangue humano.

Maldita Sociedade innovadora,
Que encobrindo o veneno bens figura,
Em tudo o que machína enganadora,
Que o seu partido assim fazer procura:
Pois compra dos incautos as vontades
Com pinturas de vãs felicidades!

Portugal lhe declara accesa guerra,
Que a natureza infunde em nossos peitos
Forças para salvar a Lusa Terra
De genios empestados, e suspeitos;
Porque ainda mostrâmos ser herdeiros
Do valor dos Heroes Lusos Guerreiros.

Se eu tivesse, Senhor, menos idade
Daquella, que a velhice me declara,
Por Vós, junto da forte Mocidade,
No rol dos Defensores me alistára:
Mas sempre, como posso, entro na scena,
Que onde a espada não pode suppre a penna.

Aos Ceos mil graças, parabens aos Lusos,
Que dos Mações a peste conhecêrão;
Pois queremos viver nos mesmos usos,
Em que nossos Avós em paz vivêrão:
E a cáfila infernal devastadora
Vá nos Gentios ser reformadora.

Vós haveis descobrir Porto seguro,
Em que possa salvar-se a Náo do Estado;
E Portugal dirá para o futuro
Que Vos deveo não ver-se naufragado:
Pois vigilante ao temporal, que augmenta,
Pondes os Lusos livres de tormenta.

Esperão favoraveis seus destinos,
As vozes levantando em altos Vivas,
Curvados Anciãos, gratos Meninos,
Com votos, com ardentes rogativas;
Pedindo ao Ceo, Senhor, em Vosso abono
Mil Bens, mil Benções para o Luso Throno.

As frontes ergão esses encerrados
Heroes; que occultos são á luz do dia;
E surgindo de novo organisados,
Pasmem de vêr na Lusa Monarchia
Maior fortuna, que em seus annos vírão,
Em quanto á dura morte resistirão!

A formosa alegria reverbera
Nos Peitos dos constantes Lusitanos,
Livres da condição aspera, e fera,
Que os trouxe em captiveiro tantos annos!
Hão de cantar victoria verdadeira
A' sombra da pacifica Oliveira.

Desculpai-me, Senhor, se em louvor Vosso
Não digo quanto aqui dizer devia;
Muito mais Mereceis, mas eu não posso
Remontar-me com tanta valentia:
A minha Musa he fraca, e não prosigo,
Porque he mais o que falta que o que digo.

HYMNO.

Miguel Rei dos Lusos
Já foi acclamado;
O Ceo destinado
A Palma lhe tem.

O Rèino contente
Seu Anjo lhe chama,
O Joven acclama
Por seu maior bem.

O Ceo o defenda
Dos golpes da Parca,
Só este Monarcha
Aos Lusos convem.

O Reino contente etc.

Miguel sempre Grande,
Em nossa defeza,
Com sua firmeza
O Reino sustem.

O Reino contente etc.

Os Lusos só querem
Miguel o Primeiro,
Legitimo Herdeiro
Do Throno que tem.

O Reino contente etc.

Acolhe, e premeia
O digno Vassallo;
Deixar de adora-lo
Não pode ninguem.

O Reino contente etc.

Heroe de virtude,
Piedade, e respeito,
Que dentro em seu peito
Ternura só tem.

O Reino contente
Seu Anjo lhe chama;
O Joven acclama
Por seu maior Bem.

FIM.